



A ÉTICA EM WATCHMEN

Gelson Weschnefelder¹

Resumo

No presente texto vem apresentar aspectos éticos e pedagógico da história em quadrinho Watchmen. Teorias sobre ética de diversos filósofos e história mundial são apresentadas nesta história, através de uma obra para o entretenimento. Pretende-se apresentar alguns Super-Heróis de Watchmen, e mostrar como cada um deles apresenta um aspecto importante da referidas teorias éticas. Destacando a ética aristotélica, Kantiana e Utilitarista.

Palavra Chaves: Ética, Comics e Watchmen.

ECTHICS IN WATCHMEN

Abstract

This text is presenting educational and ethical aspects of the comic book Watchmen. Theories of various philosophers on ethics and world history are presented in this story through a book for entertainment. They try to present some superheroes of Watchmen, and show how each presents an important aspect of these ethical theories. Highlighting the Aristotelian ethics, Kantian and utilitarian.

Keywords: Ethics, comics and Watchmen.

¹ Graduado em Filosofia (UNISINOS), Mestre em Educação (UNILASALLE/Canoas). E-mail: gellfilo@terra.com.br



Introdução: O Universo Watchmen

Diário de Rorschach. 13 de Outubro de 1985. 23h30. Sexta à noite, um comediante morreu na cidade de Nova York. Ninguém liga. Ninguém ! Ninguém além de mim (WATCHMEN, 2005. p. 30).

EUA de 1985; o país está vivendo um momento delicado de sua história, está no auge da Guerra Fria, e em via de declarar guerra nuclear contra a URSS. É neste contexto que se passa a trama *Watchmen*, uma das HQ's² mais aclamadas pela crítica e mudou completamente o mundo dos super-heróis dos quadrinhos. Esta trama envolve os episódios vividos por um grupo de super-heróis do passado e do presente que, foram forçados a se aposentar pelo governo dos EUA, e os eventos que circundam o misterioso assassinato de um deles.

Esta obra-prima escrita e desenhado por *Alan Moore* e *Dave Gibbons*, nos traz uma série de questões filosóficas, principalmente uma série de teorias éticas apresentadas, representando ações de cada herói da trama.

A trama principal trata dos desdobramentos de uma conspiração revelada após a investigação do assassinato de um herói aposentado, o *Comediante*, que atuara nos últimos anos como agente do governo. Em torno desta história giram várias tramas menores que exploram a natureza humana e as diferentes interpretações de cada pessoa para os conflitos do bem contra o mal, através das histórias pessoais e relacionamentos dos personagens principais.

A responsabilidade moral é um tema de destaque, e o título *Watchmen* refere-se à frase de um poeta romano *Juvenal* que viveu do primeiro ou segundo século depois de Cristo, onde satirizou a ação dos homens que punham guardas para garantir a castidade de suas mulheres, com a frase em latim "*Quis custodiet ipsos custodes*", traduzida em português em "Quem vigia os vigilantes?".

Na realidade histórica alternativa apresentada em *Watchmen*, *Richard Nixon* teria conduzido os EUA à vitória na Guerra do Vietnã e em decorrência deste fato, teria permanecido no poder por um longo período. Esta vitória, além de muitas outras diferenças entre o mundo verdadeiro e o retratado nos quadrinhos, como por exemplo os carros

² Histórias em Quadrinhos.

elétricos serem a realidade da indústria dos automóveis e o petróleo não ser mais a maior fonte de energia, derivaria da existência naquele cenário de um personagem conhecido como *Dr. Manhattan*, um indivíduo dotado de poderes especiais, os quais o levam a possuir vasto controle sobre a matéria e a energia, elevando-o a um estado de semi-deus.

Neste mundo existiriam quadrinhos de super-heróis no final de 1930, os quais eventualmente seriam a principal inspiração para que um dos personagens da série viesse a se tornar um combatente do crime (o primeiro *Coruja*) na qual com o passar do tempo, junto com outros vigilantes mascarados formam em 1940 o primeiro grupo de super-heróis, os *Minutemen*.

O Dr. Manhattan, o único a possuir poderes (como explodir desmontar objetos ou até pessoas pois controla os átomos), foi o primeiro da "nova era" de super-heróis mais sofisticados que durou do começo dos anos de 1960, com a aposentadoria dos Minutemen, até a promulgação da *Lei Keene* em 1977, implantada em resposta à greve da polícia e a revolta da população contra os vigilantes que agiam acima da lei.

A Lei Keene, foi uma reação à percepção de uma crise. A ascensão da ilegalidade e da desordem, junto com a ameaça à segurança no emprego que os heróis representavam para a polícia, levou a se registrar e trabalhar para o governo ou se aposentar (IRWIN, 2009, p. 44). A maioria dos vigilantes resolveu se aposentar, alguns revelando suas identidades secretas para faturar com a atenção da mídia; caso de *Adrian Veidt*, o herói *Ozymandias*, considerado o homem mais inteligente da face da Terra. Outros, como o Comediante e o Dr. Manhattan, continuaram a trabalhar sob a supervisão e o controle do governo. O *Coruja II*, resolveu se aposentar. O vigilante conhecido como *Rorschach*, entretanto, passou a operar como um herói renegado e fora-da-lei, recusando-se a reconhecer a autoridade da lei, sendo freqüentemente perseguido pela polícia.

A história abre com a investigação do assassinato de *Edward Blake*, logo revelado como sendo a identidade civil do vigilante mascarado conhecido como O Comediante. Tal assassinato chama a atenção de Rorschach, o qual passará toda a primeira metade da trama entrando em contato com seus antigos companheiros em busca de pistas, considerando praticamente todos como possíveis suspeitos.

Rorschach suspeita basicamente que o evento da morte de Blake estaria relacionado a um possível rancor de criminosos presos pelos heróis no passado, tese que ganha força à medida que outros ex-combatentes do crime e o próprio Rorschach são duramente atingidos

por um aparentemente planejado ataque sistemático à suas integridade físicas e credibilidade.

A ameaça pelo extermínio humano, eminente a um guerra nuclear, faz com que Veidt (o homem mais inteligente da Terra), tramou a maior peça do mundo, conspirando contra seus antigos companheiros de equipe, assassinando um deles, para seu plano dar certo. Assassinando milhões para salvar bilhões. Terminando com a ameaça nuclear, unindo os inimigos (EUA e URSS) para combater um inimigo em comum.

O mundo será punido por desejar a Terceira Guerra Mundial (...). O Comediante estava certo, a natureza selvagem do ser humano vai inevitavelmente levar a aniquilação global. Então, para salvar o nosso planeta, eu tive que, fingir. Pregando a maior peça da história da humanidade. Matando milhões para salvar bilhões. Um crime necessário (Watchmen: O filme, 2005).

1. Rorschach : o kantiano

Diário de Rorschach. 13 de Outubro de 1985. Porque existe o bem e existe o mal. O mal deve ser punido. Mesmo no dia do juízo final, isso não irá mudar. Mas tem muitos merecendo pagar... e tão pouco tempo (WATCHMEN, 2005. p. 30).

Rorschach carrega um grande fardo em suas costas. Ele viu a verdadeira face da cidade, viu este mundo cheio de vermes, pelo que ele é: uma vala dos desgraçados, cada um escalando sobre as costas dos outros, por nada mais que um prazer insignificante, para simplesmente continuar essa vida patética por um segundo, um minuto, um dia a mais (IRWIN, 2009. p. 29).

Diário de Rorschach. 12 de Outubro de 1985. esta manhã, no beco, havia um cão morto com marcas de pneu no ventre rasgado. A cidade tem medo de mim. Eu vi o rosto dela. As ruas são sarjetas dilatadas e essa sarjetas estão cheias de sangue. Quando os bueiros finalmente transbordarem, todos os ratos irão se afogar. A imundice acumulada de todo o sexo e matanças que praticaram vai espumar até suas cinturas e todos os políticos e rameiras olharão para cima, gritando “salve-nos”... e, do alto, eu vou sussurrar: “não” (WATCHMEN, 2005. p.7).

E continua:

Eles tiveram escolha. Todos eles. Podiam ter seguido os passos de homens honrados, como meu pai (...). homens decentes, que acreditavam no suor do trabalho honesto. Em vez disso, seguiram os excrementos de devassos e sem perceber, até ser tarde demais, que a trilha levava a um precipício. Não me digam

que eles não tiveram opção. Agora o mundo todo está na beira do abismo, contemplando os liberais, intelectuais e sedutores de fala macia, que ardem no inferno... e, de repente, ninguém mais sabe o que dizer (WATCHMEN, 2005. p.7).

Verdadeiramente a mente deste herói é sombria, mas mesmo assim é regida por um princípio simples, de longa e venerável tradição: o mal deve ser punido (WATCHMEN, 2005. p.7). Desta forma, Rorschach exemplifica a *teoria retributiva da punição*; ele sustenta que os malfeitores devem ser punidos, por terem feitos maldades, pois estes merecem a tal punição. Todos nós desejamos punição. Todos se sentimos um pouco do personagem, queremos corrigir erros e os malfeitores sofrendo pelo crime cometido. Rorschach, como apropriado ao seu nome, nos deixa ver a nós mesmos (IRWIN, 2009. p. 30).

Mas, em nossa missão para distribuir a justiça merecida, corremos o risco de nos tornarmos os monstros que combatemos. Na HQ de Watchmen, no final do capítulo VI, há uma citação do filósofo alemão *Nietzsche* (1844-1900): “Não enfrentes monstros sob pena de te tornares um deles, e se contemplos o abismo, a ti o abismo também contempla” (NIETZSCHE apud WACHTMEN, 2005. p.204). Assim já podemos imaginar como o herói Rorschach se transformaria.

Os motivos deste herói são puros: é a busca da justiça, da ordem moral, daquilo que é certo. Ele busca uma *justiça retributiva* ou *retificadora*, a ideia de procurar compensar uma injustiça mediante a retificação da situação, ou pela recuperação da igualdade a que a injustiça pusera fim. É o princípio ‘olho por olho, dente por dente’. O conceito de retificação sugere retirar do criminoso e que se dê à vítima deste. Contempla a ideia do castigo, e que a ordem moral está desequilibrada enquanto essa é claramente difícil de reconciliar com as morais consequencialistas e antecipativas, uma vez que não faz referências às vantagens adquiridas com a retribuição, vendo-a apenas como um fim em si (BLACKBURN, 1997). Para Rorschach, os culpados devem ser punidos, pois são culpados, e a punição deles deveria ser proporcional aos seus crimes. A punição deve se adequar à gravidade dos crimes do malfeitor. Tornando o herói assim em um herói retributivista.

Para o também filósofo alemão *Kant* (1724-1804), “a[punição] deve ser sempre infligida sobre [o criminoso] apenas porque ele cometeu um crime”(KANT, 1996, p.331), para ele a punição não deveria ser dado para o bem do criminoso, como por exemplo, para a reforma ou reabilitação, pois assim, seria trata-lo como um animal, um cão que é domesticado. O malfeitor não deve ser tratado como um mero fim, não devemos usar este

(uma pessoa) para os fins da sociedade, “pois um ser humano não pode nunca ser tratado com um meio para os propósitos de outro” (KANT, 1996), com isso o filósofo queria nos dizer que, deveríamos tratar as pessoas com respeito. E o por que criminosos mereciam ser punidos, pois sua punição deve respeitá-los como agentes morais, e não animais a serem domesticados, como malfeitores a ser responsabilizados por suas ações (IRWIN, 2009. p. 33).

Então, age de forma a usar humanidade, seja na sua própria pessoa ou na pessoa de qualquer outro, sempre, ao mesmo tempo, como fim, nunca meramente como meio (KANT, 2003).

Se falharmos em punir os criminosos e malfeitores, estaríamos não tratando-os como membros plenos da sociedade moral. Na visão de mundo do herói Rorschach, ele é ordenado por valores comuns, e os desviantes ameaçam sua coesão. Pois para ele, nossa dignidade está se agirmos como se o mundo fosse justo, mesmo quando ele claramente não é (IRWIN. 2009. p.35). Para o filósofo *Hegel* (1770-1831) “a punição é o cancelamento do crime (...) e a restauração do que é certo” (HEGEL *apud* IRWIN, 2009. p. 35). Para este, só por meio da punição podemos reafirmar os valores que foram transgredidos e fazer o criminoso sentir o erro que cometeu. E Rorschach adora fazer o malfeitor sentir isso. A punição serve para proteger e reproduzir uma ordem moral ideal.

Cada um deve respeito o próximo e trata-los como fins em si mesmos, pessoas que merecem respeito pelo que são, agentes livres e racionais. A punição é, como descreve *Irwin*, meramente um instrumento para implementar essa ordem moral. E Rorschach expressa isso, quando fala com o psiquiatra no presídio:

Este mundo sem leme não é moldado por vagas forças metafísicas. Não é deus que mata as crianças. Não é a sina que as esquarteja ou o destino que as dá de comer aos cães. Somos nós. Apenas nós (WATCHMEN, 2005.p.202).

O valor da vida está em como ela é vivida. É somente com justiça e ética, que vem o valor e respeito. Assim como Kant descreve, “pois, se a justiça se vai, não há mais qualquer valor nos seres humanos vivendo na Terra” (Kant, 2003). Rorschach busca esta justiça, uma centelha da moral, para uma luz no fim do túnel.

Em um último diálogo, com seus companheiros, Veidt, o homem mais inteligente do mundo, vendo que seu plano deu certo comenta:

Duas super potencias desistindo da guerra (EUA e URSS). Eu salvei a terra do inferno. Nós salvamos (...). Agora podemos voltar a cumprir nosso dever (Watchmen: o filme, 2009).

Na qual Rorschach responde: “O nosso dever é fazer justiça. Todo mundo vai saber o que você fez!” (Watchmen: o filme, 2009), seguindo o dialogo:

Veidt – Será mesmo Rorschach, se me denunciar irá sacrificar a paz pela qual milhões morreram hoje.

Coruja II – Paz baseada em uma mentira.

Veidt – Mas é paz, apesar de tudo.

Dr. Manhattan – Ele está certo.

Espectral – Não, não podemos fazer isso!

Dr. Manhattan – Você me ensinou o valor da vida humana, se quisermos preservá-la aqui, temos que ficarmos em silêncio.

Rorschach – Fiquem vocês com suas mentiras! Não faço acordos, nem mesmo diante do Armagedom.

Fora do palácio de Veidt, Rorschach encontra Dr. Manhattan. E continua dialogo:

Dr. Manhattan – Rorschach, você sabe que não posso permitir isso!

Rorschach - Se tivesse se importado desde o começo (com a humanidade) nada disso aconteceria.

Dr. Manhattan - Posso mudar quase tudo Rorschach, mas não posso mudar a natureza humana.

Rorschach – Claro, deve proteger a utopia de Veidt. Um cadáver a mais não faz diferença. Muito bem, o que está esperando, vai me mate, me mate...³.

Rorschach, no final da trama de Watchmen, mesmo sabendo que esta seria sua última atitude antes da morte, ele comenta: “o mal deve ser punido. Pessoas alertadas” (WATCHMEN, 2005. p.403). Rorschach sabe que se deixar o plano de Veidt escarpar ileso, a justiça foi comprada, mas não realizada. Para Kant, sem justiça, não há valor na vida humana, como vimos acima. O herói se recusa a fazer concessões, vender a justiça, mesmo que isso signifique desfazer a ilusão de Veidt e, portanto, garantir que os milhões que morreram o tenham feito em vão. Enquanto lágrimas escorrem, sabendo do seu destino, ele berra, “vai me mate”, e Dr. Manhattan o evapora (IRWIN, 2009. p.37). Rorschach não quis a morte. Ele entendeu o que os outros companheiros de luta contra o crime não conseguiam entender:

³ Dialogo retirado do filme Watchmen : o filme, 2009.

É melhor sacrificar a vida do que negligenciar a moralidade. Não é necessário viver, mas é preciso que, enquanto vivemos, o façamos com honra (KANT *apud* IRWIN, 2009. p. 38).

2. Ozymandias e a ética utilitarista

Adrian Veidt, o herói Ozymandias, considerado o homem mais inteligente do mundo. Após a Lei Keene, que exige que os heróis mascarados se registrem e trabalhassem para o governo ou se aposentassem; se aposenta de suas aventuras e revela ao mundo sua identidade secreta. E se torna um grande empresário.

Mas Veidt é um megalomaniaco, (que quer se comparar a *Alexandre, O Grande*, antigo conquistador que dominou todo mundo conhecido, sem barbárie), reduzindo a mais fundamental divisão política internacional a um simples nó górdio⁴. Ninguém conseguia desatar o nó, até que Alexandre então, dividiu com sua espada, encontrando uma resposta simples para um problema insolúvel. Assim Alexandre conquistou o restante do mundo.

Veidt acreditava que o caminho para acabar com a guerra e o sofrimento humano erra forçar as potências mundiais a se alinharem contra um inimigo comum, e então comete assassinato em massa em nome do bem maior (IRWIN, 2009. p. 43). Em seu plano, envolve tomar as vidas de metade da população da cidade de Nova York.

Ozymandias, parece ser um filósofo *consequencialista*: a ideia de que o valor de uma ação provém inteiramente do valor de suas conseqüências (BLACKBURN, 1997. p.73). Segundo Irwin, ele é o tipo de ser que, quando tem que tomar decisão, lista cuidadosamente os prós e os contras e escolhe a opção que tem mais prós na balança. Pelo menos é isso que Ozymandias pensa de si mesmo (IRWIN, 2009. p.68), esse tipo de consequencialismo calculista de Veidt, está bem associada com a ética do *utilitarismo*. Doutrina proposta pelos filósofos ingleses Jeremy Bentham(1748-1832) e Stuart Mill (1806-1873), esta propõem que as ações são corretas proporcionalmente à sua tendência para promover a felicidade. Um

⁴ A provável lenda do nó górdio remonta ao séc. VIII a.C.Conta-se que o rei da Frígia (Ásia Menor) morreu sem deixar herdeiro e que, ao ser consultado, o Oráculo anunciou que o sucessor chegaria à cidade num carro de bois. A Profecia foi cumprida por um camponês, de nome Górgio, que foi coroado. Para não esquecer de seu passado humilde ele colocou a carroça, com a qual ganhou a coroa, no templo de Zeus. E a amarrou com um nó a uma coluna, nó este impossível de desatar e que por isso ficou famoso.Górdio reinou por muito tempo e quando morreu, seu filho Midas assumiu o trono. Midasexpandiu o império, porém, ao falecer não deixou herdeiros. O Oráculo foi ouvido novamente e declarou que quem desatasse o nó de Górdio dominaria toda a Ásia Menor.

ato deve ser preferido a outros em função da maior felicidade que proporciona em comparação a eles (BLACKBURN, 1997. p.397). Veidt acredita que sacrificar a vida de milhões salva, bilhões de vidas (Watchmen: O filme, 2009), trazendo a felicidade a todos, com o fim da eminente guerra nuclear.

É fazer o que Veidt, o Ozymandias fez? Você dirá que é injustiça. Pois bem um dos meios para prevenir tal barbárie, é a doutrina dos direitos humanos⁵, na qual nos diz que há algumas coisas que o indivíduo não pode ser obrigado a fazer contra sua vontade, mesmo que seja em nome do bem maior. Esta é uma das críticas à doutrina do utilitarismo, pois esta é, incapaz de abraçar a doutrina dos direitos humanos (IRWIN, 2009. p.71).

Os utilitaristas tomam sua motivação a partir do instinto básico de que a dor é ruim e o prazer é bom. Individualmente, você e eu buscamos prazer e evitamos a dor. Os utilitaristas tentam remover o egoísmo disso ao nos pedir para que busquemos o prazer para todo mundo. Agindo assim, tentam fazer a ética um pouco mais objetiva: menos a respeito do que você quer e mais a respeito do que é bom em si mesmo (IRWIN, 2009. p.72).

Ozymandias é um homem cujo ego opressivo e a incapacidade de apreciar a natureza obscura da vida o levam a pensar que o fim pode, justificar os meios (IRWIN, 2009. p.73).

3. A Coruja de Aristóteles

O personagem Ozymandias pode ser associado à teoria ética do utilitarismo e Rorschach a teoria ética da deontologia. Mas o Herói mascarado de Watchmen, o Coruja (o segundo), seria o mais ético de todos. Ele prega uma ética da virtude clássica, a ética do filósofo grego *Aristóteles* (384-322 a.c.)⁶. Esta ética se opõe as teorias éticas apresentadas por Rorschach e Ozymandias na história. A ética da virtude se apóia em regras de modo diferente em sua garantia de orientação moral.

O Coruja é um herói, mas diferentemente do Rorschach e Ozymandias, ele leva uma vida prospera, um ávida completa, uma vida que não é autoderrotista (IRWIN, 2009. p.84).

⁵ Os direitos humanos são os direitos e liberdades básicos de todos os seres humanos. Normalmente o conceito de direitos humanos tem a ideia também de liberdade de pensamento e de expressão, e a igualdade perante a lei.

⁶ Aristóteles define a Virtude como sendo a disposição estabelecida que leve à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente o determina.

Este herói mascarado realiza o equilíbrio entre os extremos dos outros dois, ele é determinado, mas não teimoso; ele é cauteloso e não imprudente (IRWIN, 2009. p.86). E esse equilíbrio é um aspecto chave da definição de virtude de Aristóteles.

A Virtude é uma disposição estabelecida que leve à escolha de ações e paixões e que consiste essencialmente na observância da mediania relativa a nós, sendo isso determinado pela razão, isto é, como o homem prudente o determina (ARISTÓTELES, 2007. 1107 al: 1-5).

É apenas atingindo o meio termo ou o equilíbrio entre dois extremos que, que estaremos exibindo a virtude. Para Aristóteles, virtude “é o meio termo entre dois vícios, um de excesso, outro de deficiência” (ARISTÓTELES, 2007. 1107a).

O Coruja demonstra várias virtudes apresentadas na *Ética a Nicômaco* de Aristóteles: a bravura, a temperança, a amabilidade, a amizade, e a espirotuosidade⁷. Este herói é claramente o melhor exemplo de heroísmo e exemplo moral, principalmente quando questiona Veidt e todo seu plano: “Era para nós transformar o mundo em um lugar melhor?” (Watchmen: O filme, 2009).

Ele é um cara bom, direto e simples. Ele é corajoso, mas não prudente. Ele ajuda as pessoas, mas o faz de forma cuidadosa e ponderada. Ele é leal aos seus amigos, mas não a ponto de ser servil. Ele demonstra todas as virtudes aristotélicas, atingindo o meio termo entre os extremos (IRWIN, 2009. p.87-88).

Considerações finais

Diário de Rorschach. 1º de Novembro de 1985. Me esforcei para ser compreensível. Acredito que tracei um quadro aterrador (...). Quando a mim, de nada me arrependo. Levei a vida livre de compromissos... e agora avanço rua às sombras sem me queixar (WATCHMEN, 2005. p.334).

Watchmen é a *graphic novel*⁸ mais aclamada pela crítica e mudou completamente o mundo dos super-heróis. Esta obra levanta questões que todos nós deveríamos olhar com maior atenção.

⁷ Todas são discutidas em ARISTÓTELES. Op. Cit. Livros III e IV.

⁸ Um romance gráfico (também se utiliza o termo inglês *graphic novel*) é uma espécie de livro, normalmente contando uma longa história através de arte sequencial (História em quadrinhos), e é frequentemente usado para definir as distinções subjetivas entre um livro e outros tipos de histórias em quadrinhos.

Estas HQ podem ser objeto de investigação para a filosofia e para muitas ciências, como a sociologia, a psicologia, a teologia, a história, a literatura, dentre outras.

Esta história, tanto nas HQ's , quando as telas de cinema, são recheadas de riquezas filosóficas. Desde a natureza metafísica, passando por questões de gênero, mas principalmente sobre questões éticas, na qual escreve este artigo.

Teoria ética dos filósofos como Kant, Bentham, Mill e Aristóteles, estão representados nas atitudes dos heróis mascarados desta história, algo que possamos usá-lo para inserir tais discussões em sala de aula. De uma forma perspicaz, o leitor pode assimilar facilmente, a teoria ética aprendida em sala de aula, com as atitudes dos personagens destas HQ.

Quem não queria viver o papel do herói Rorschach e sair por aí fazendo justiça com as próprias mãos? Acredito que muito se apegam a este personagem. Quem não questiona se Veidt, o herói Ozymandias não estava certo quanto a sua atitude?

Então, além da finalidade explícita de proporcionar entretenimento, esta história em quadrinho de super-heróis, apresentam as questões relacionadas ao comportamento moral e dão exemplos de virtuosismo e ações éticas para os seres humanos entenderem e enfrentarem melhor os problemas morais do dia-a-dia. Elas mostram vivencialmente às questões a importância enfrentamos em nosso cotidiano. Principalmente relações sobre poder e sociedade. Pois como diz o herói mascarado Rorschach "Porque existe o bem e existe o mal. O mal deve ser punido. Mesmo diante do juízo final." (WATCHMEN, 2005. p.30).

Bibliografia

ARISTÓTELES. **Ética a Nicômaco**. 2ª edição. Tradução Edson Bini. Bauru, SP: Edipro, 2007.

BLACKBURN, Simon. **Dicionário Oxford de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor, 1997.

IRWIN, William. **Watchmen e a filosofia**. São Paulo: Ed. Madras, 2009.

KANT. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Martin Claret, 2003.

KANT. **The metaphysics of morals**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.

WATCHMEN. Edição Definitiva. DC Comics. Editora Panini, 2005.

Watchmen: O filme. Direção: Zack Snyder. Warner Bros Pictures, 2009. 1 DVD (162 min), color.